



CIDADE DE SILVES.

PORTUGAL.

11.º

QUANDO OS arabes tinham diffundido pela Península, dominando-a, a sua opulencia, artes e civilização, foi Sylves capital de um reino mourisco; por seu muito commercio, e riqueza dos habitantes fez-se celebre, e rival de Lisboa. Conquistando-a D. Sancho 1.º para a corôa portugueza em 1189, era tal a sua grandeza e importancia que uma testemunha ocular (1) descrevendo o estado da cida-

(1) Pessoa, que vinha na armada que auxiliou D. Sancho 1.º, e que escreveu uma relação dada á luz pela vez primeira em Turim em 1840. Fazemos esta citação segundo a *Corographia do Algarve*; pelo Sr. João Baptista da Silva

JULHO 1 — 1842.

de nessa epocha não duvidou affirmar que *estava muito mais fortificada que Lisboa e era dez vezes mais rica e grandiosa em edificios, cercada de muros e fossos de tal arte que nem uma só choupana se encontrava fóra do recinto, dentro do qual havia quatro arrabaldes fortificados*. A tomada de Sylves pintou com vivas côres e a magestade de seu estylo original um amigo nosso em o ultimo que se publicou dos *Quadros historicos de Portugal*: sentimos que a demora na continuação desta obra tenha pri-

Lopes, publicada pela Academia das Sciencias: obra esta de laborioso desempenho, e que pela copia e exacção das noticias e appendice de documentos illustrativos dá cabal informação do reino do Algarve: ministrou-nos ella todos os elementos para o presente artigo.

2.ª SERIE — VOL. I.

vado os leitores da copiosa e averiguada noticia que comprehendem as notas em seguida áquelle *Quadro*. Depois do glorioso feito d'armas do nosso segundo rei, que fôra nelle auxiliado pela frota dos cruzados que então aportára a Lisboa, continuou Sylves, apesar da expulsão dos habitantes mouros e das ruinas do cêrco, a ser por muito tempo a principal cidade do Algarve, honrada com a cadeira episcopal que o mesmo D. Sancho 1.^o erigira. Cahindo pouco depois em poder dos mahometanos foi para sempre restaurada pelo valoroso D. Paio Peres Correia, mestre da ordem de Santiago, reinando D. Affonso 3.^o (2) que lhe restituiu a cathedra episcopal, que conservou sem intermissão até que a sé foi transferida para Faro, quando regia a igreja do Algarve o nomeado D. Jeronymo Osorio, prelado igualmente respeitavel por lettras e virtudes, que tomou posse do bispado em 1564 e falleceu em 1580.

Parece que ha terras, como pessoas, fadadas para desastres. Sylves, prospera por largos annos, equiparada em privilegios a Lisboa por concessão dos nossos reis, decahiu gradualmente e a final precipitou-se a passos gigantes para uma quasi nulidade, como a idade provecta para a morte. Despojada das horas e interesses de capital, é apenas cabeça de um concelho, com um juiz ordinario por auctoridade, dependente da camara de Lagos. Não bastando as influencias civis e politicas, uma calamidade physica quasi de todo a arrasou: o terremoto de 1755 apenas poupou 20 casas, derrocaram-se os mais edificios e com elles quasi inteiramente a sé, igreja de vasto ambito, que fôra mesquita arabe, e onde em mausoleus apparatusos descansam as cinzas de seus bispos e outros varões illustres: acha-se agora desfigurada com remendos modernos.

O nosso desenho copiado de um album, feito ao que parece nos fins do seculo 17.^o, mostra a cidade como então subsistia. — Está ella assente, em meio de serras elevadas que lhe encurtam por toda a parte o horisonte, n'uma encosta á margem esquerda de um rio, que na sua continuação toma o nome de Portimão, e de cuja foz dista duas leguas e meia: a extincção de seu commercio foi grandemente devida ao entupimento do rio, atulhado com o sedimento de terras que as aguas não podiam carrear, por forma que está quasi em sêcco junto á ponte de quatro arcos de alvenaria á entrada da cidade pelo lado da villa de Portimão, onde outr'ora chegavam navios d'alto bordo, e ao presente só pelo arco da banda da cidade vai a corrente permittindo passagem a pequenas embarcações, quasi escoados os outros, que admittem apenas algumas lanchas. Desemboca o rio no porto de Villa-Nova de Portimão, o melhor do Algarve, muito mais obstruido hoje que em tempo dos Cruzados que o demandaram ao vir auxiliar D. Sancho na captura de Sylves: a frequencia de embarcações, e a posição a nove leguas leste do Cabo de S. Vicente pede as obras hydraulicas que o devem melhorar para admittir navios em todas as marés e prestar-lhes abrigo; muito mais porque uns poucos de concelhos fertes do reino do Algarve por alli exportam seus generos, de maneira que nos ultimos quatro mezes do anno, epocha da carregação, con-

(2) Muitos põem este feito em 1242, governando D. Sancho 2.^o; certo é que no tempo deste monarcha se começou com felizes successos a restauração do Algarve acabada com a tomada de Faro, e outras terras no seguinte reinado.

correm a tomar carga daquellas producções territoriaes, e de sal, acima de quarenta embarcações estrangeiras.

A despeito do indicado obstaculo, Sylves vai melhorando o seu commercio de exportação, porque se tem constituido deposito da cortiça de quasi todo o Alem-Tejo para embarque, bem como de muitos fructos dos contornos. Tem duas feiras; a primeira abundante de gados, a 3 de maio; a segunda, que já foi de 49 dias a começar do 1.^o de setembro, faz-se hoje de tres dias a contar de 31 de outubro, é a melhor da provincia em legumes e gado: no sitio desta, a um tiro de canhão para o oeste da cidade conserva-se a ermida da Senhora dos Martyres, cuja fundação se diz analoga á da parochial igreja da mesma invocação nesta cidade; porque refere a tradição que a construiu D. Sancho 1.^o, durante o cêrco, para celebração dos officios divinos e sepultura dos que morrendo na peleja contra os infieis eram considerados martyres: veem-se ainda neste logar campas com brazões de armas que se attribuem a cavalleiros mortos na conquista.

O aspecto interior da cidade é melancolico, sendo construidas as casas d'uma pedra vermelhoscuro, de que ha muita nas vizinhanças: pelas causas que levámos ditas raro é o edificio antigo digno de nota: em varias partes da povoação acham-se dessas covas ou celleiros subterraneos, onde os mouros, a exemplo de outros povos antigos, guardavam os trigos e outros productos agricolas. Nos suburbios descobrem-se alicerces de construcções que evidenciam a extensão da cidade quando florecente, e que deitava muito alem do actual recinto. Conservam-se as antigas muralhas da cidadella e do castello, que recentemente os moradores á sua custa repararam com lanços de cortina onde o tempo fizera estragos, com o fim de se resguardarem do commettimento e insulto dos bandos que assolam o Algarve: tambem fizeram concertos no castello e alimpam a sua espaçosa, e bella cisterna, de seis braças por lado, e abobada sobre nove arcos, com capacidade para conter a agua sufficiente ao gasto de um anno de toda a população de Sylves, que constará de 300 fogos. De 1820 para cá se tem renovado alguns predios e aberto ruas novas, de casaria á moderna, e com bons armazens. Os passageiros acham em tres hospedarias as precisas commodidades. Os paços do concelho são bastante altos, ficando á entrada da cidade pela parte da ponte: encerra o seu archivo documentos antigos. O hospital da Misericordia data de 24 de maio de 1775; instituiram-no e augmentaram-no legados de particulares.

Os habitantes tiram o seu provimento d'agua da Fonte-nova, manancial copioso e excellente, que dista da cidade obra de mil passos: fronteiro á fonte na margem direita do rio, forma este uma ilha dividindo-se em dois braços navegaveis, que vão juntar-se perto do pego do *Pulo*, que muito tempo se chamou de Aben-Afan, por nelle se afogar o rei de Sylves desse mesmo nome, quando fugia ás tropas portuguezas que restauraram a praça, capitaneadas por D. Paio Peres Correa. — A uma legua da cidade, rio abaixo, ha outra nascente, dita do Gramacho, tambem abundante e de boa agua, que brota de uma rocha e é conduzida por um aqueducto de alvenaria de mais de trinta passos, o qual vem entrar no rio em altura a que não chega a maré, facilitando assim aproxima-

rem-se as lanchas e de dentro destas encherem-se á bica os cantaros, de que partem carregadas para aprovisionar de boa agua Portimão e Mexilhoeirinha. Tambem aqui vem fazer aguada as embarcações que demandam estes portos; e conviria talvez encanar este manancial para a Mexilhoeirinha, prolongando a aqueducto pela margem do rio.

O territorio do concelho de Sylves é dos mais férteis do Algarve, farto de boas aguas e bastecido de arvoredo e lenhas; é alem disso bem povoado, a freguezia de Sylves conta na cidade e suburbios mais de 3:200 habitantes repartidos por 812 fogos. O Sr. Baptista Lopes, auctor da Corographia do Algarve, a quem temos tomado por guia seguro, nos informa, a pag. 280, e seguintes, de que — «em geral todo o terreno da freguezia é bastante fértil em cereaes, legumes, milho, azeite, vinho, sumagre, excellente fructa d'espinho, figo, alfarroba, amendoa, e muito boa cana; de tudo lhe sobeja [menos vinho] e exporta pelo rio abaixo. A cultura das terras vai em progressivo melhoramento; encontram-se formosos e extensos figueiraes, olivae e vinhas, em serros e planicies que não ha muitos annos estavam cobertos de mattos; não menos tem augmentado os pomares de fructa d'espinho, principalmente de laranja, que é de guapa qualidade e dá um bom sortimento para a carregação. Todos os fructos se vendem alli por diminutos preços; ha abundancia de carne e caça; não lhe falta peixe já do rio, já da costa.» — O espirito d'associação, que começa a desenvolver-se entre os habitantes desta cidade, faz nascer a consoladora esperanza de que possa vir a medrar a sua agricultura, industria, e commercio. No anno de 1836 foi plantada uma alameda de amoreiras brancas no largo do castello, onde se faz a feira das cruces, [a de 3 de maio, dia da Invenção da St.^a Cruz] com o intuito de se emprehender a criação dos bichos da seda, que não deixará de prosperar maravilhosamente em rasão da amenidade do clima.» — Comtudo cumpre attender ainda a riquezas proprias, que prestarão novos recursos, quando bem aproveitadas, porquanto na obra que citamos lemos os seguintes periodos que, por curiosos e incitadores da industria, nos apraz transcrever. — «Em outro tempo pertencia ao rendimento [do concelho de Sylves] o espartal que havia no rocio; e nas côrtes de Evora de 1460 pediram os povos por seu procurador Lourenço Annes licença para exportarem o esparto e empreita para Castella, que lhes foi concedida por elrei D. Affonso 5.^o em carta passada em Evora a 12 de dezembro do mesmo anno. Ainda em tempo d'elrei D. João 3.^o foi confirmado por carta de 21 de novembro de 1526 o privilegio de coutada, concedido por elrei D. Duarte a 25 de dezembro de 1436 e a postura da camara que marcava o tempo do apanho. Não é bem conhecido o sitio a que se chamava então rocio; nem se encontra esta planta nos suburbios da cidade, existe porem nas charnecas da freguezia e terras magras dos arredores, mas tão curta e desprezada que apenas é apanhada para alguns barãos. Comprámos agora por bom dinheiro aos castelhanos essa planta que elles então vinham buscar de nós a troco de outras mercadorias! Tão grande tem sido a nossa incuria e desmazelo; quanto louvavel e digno de imitação o seu proceder!» —

Se pretendessemos involucrar-nos em discussões de escura antiguidade, largo espaço occupariamos tratando da primitiva origem de Sylves. O P.^o Lima

diz que muitos a suppõem edificada antes da vinda dos carthaginezes ás Hespanhas: Fr. Vicente Salgado, que examinou muitos pontos de nossas antiguidades, assenta que foram os phenicios os seus primeiros habitantes. Como temos á vista o volume que se publicou das *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve* por este douto religioso, não queremos deixar de citar o que nellas se lê a pag. 139 a respeito da situação do porto de Annibal, mui frequentado dos carthaginezes (3); e no cap. 17.^o e ultimo, sobre as inscrições romanas de Sylves. — Quanto ao rio desta cidade contem o mesmo livro no cap.^o 15.^o in princ. a seguinte notavel passagem = Foi antigamente famoso este rio pelas entreprezas dos carthaginezes, romanos, e sarracenos, como tambem foi util ao commercio nacional no principio do governo dos nossos soberanos. Um ilhéu de cem palmos de comprido por vinte de largo divide uma pequena foz [a que chamam a barra de Sylves] da serra d'Atalaia, aonde houve uma guarita dos tijolos ou ladrilhos phenicios, . . . a qual servia aos turdetanos, e sarracenos de vigiarem sobre a entrada do porto. Bem poucos annos ha que se viam nas rochas visinhas argolões grandes de ferro e bronze, destinados a se amarrarem as embarcações de maior porte. Os velhos tem instruido a seus netos haver naquelle ilhéu um registo, onde antigamente davam entrada e sahida ás embarcações, que parece ficavam alli em franquia. —

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

1571.

IV (::).

Passagem do Tejo — Lisboa — Elrei D. Sebastião — A Rua Nova.

No OUTRO dia á tarde cresceu a maré e podémos embarcar. Apareceram de repente muitos barcos de pesca e varios outros, afóra cinco bateis. Embarcaram os cavallos por uma ponte de madeira que ha aqui, não sem a difficuldade e o perigo de se estropiarem, e pela passagem pagou-se meio escudo de cada um. Os familiares passaram em seis barcas toldadas de velludo, ou tapetes finos, com muitas bandeirolas variadas, e o legado e demais prelados em outra que era pintada de vermelho e toldada de damasco da mesma côr, com uma quantidade ainda maior de semelhantes bandeirolas; e n'outra, toldada de velludo encarnado e verde, D. Constantino de Bragança com varios fidalgos portuguezes. Teriamos andado obra de uma legua quando aferrou comnosco uma barca grande do feitio do Buccentauro de Veneza, pintada e toldada do mesmo modo, na qual entrou o legado com todos os seus, e D. Constantino com todos os fidalgos de sua companhia. Á pôpa havia um docel de téla d'ouro, e debaixo delle uma cadeira de brocado d'ouro para o legado, estando tudo defronte forrado de finos pannos de Flandres, e cubertos de tapetes os escabellos em que se assentavam os prelados, bem como o pavimento da popa, e até o da proa. Pelo que parecia que não estavamos em uma barca, mas sim em magnifica e bem ornada sala. Os bordos della estavam cheios de ramos de louro, e por cima esvoaçavam bandeiras de damasco verde e amarello.

(3) Desde a segunda guerra púnica servia a este povo para expedições maritimas.

(::) Os tres primeiros art. a p. 308, 338, 409, vol. 5.^o

A galeota, para que por extrema velocidade não corresse algum risco, posto que o vento fosse de feição não trazia véla, mas vogava com remos a compasso, e rebocada por dez bergantins pintados de vermelho. A marinagem estava vestida de... (*) e barretes vermelhos. Chegavam a nós dez barcas variamente pintadas e ornadas, nas quaes ouvimos pifanos, trombetas, adufes, timbales e outros instrumentos, com cantores e bailarinos vestidos á mourisca, os quaes bailavam com garbo, mas o canto parecia-se com o que cantam os judeus nas suas synagogas. Esta gente rodeando a galeota, e fazendo seus cumprimentos deleitavam-nos muito. Depois disto ainda se aproximaram muitas mais barcas, talvez 30, que salvaram a galeota cada uma com dois tiros d'artilheria. N'uma dellas veio o arcebispo de Lisboa, com muito clero, e beijando a mão ao legado se despediu para o receber depois em terra com ceremonial. Partindo o arcebispo vieram ainda mais bergantins toldados e vestida a marinagem, uns de verde, outros d'amarello, outros de vermelho, outros em fim de côres misturadas com muitos estandartes semelhantes, nos quaes vinham pintados, neste um mundo, naquelle um jardim, naquelloutro um céu estrellado: em alguns as armas e brasões de seus donos, ou outras divizas, e até as havia com motes e tenções que se não podiam bem discernir no meio daquella confusão. Varios destes bergantins eram dos magistrados da cidade, outros das ordens militares de Portugal. Alguns fidalgos e todos os officios mechanicos mandaram seu bergantim. Muitos indiatcos que residem em Lisboa enviaram dois cheios de varias plantas, flôres e fructos da India, feitos de cêra, que representavam uma primavera, não faltando ahi rosas, violas e hervas odoríferas, naturaes e verdadeiras, colhidas em Lisboa. Eram tantos os barcos vindos de toda a parte que se computaram em mais de 500 Distariamos um terço de legua da cidade quando chegaram dez galés pequenas, seguidas por uma grande que chamavam o galeão, as quaes saudaram o legado com 100 tiros d'artilheria, e o galeão com 24, deitando ao mesmo tempo muitos foguetes e outros fogos de vistas.

Com esta bella e alegre companhia chegámos finalmente á cidade, em cuja praia havia tanta gente que se calculava em 50:000 pessoas. Deitou-se uma ponte de madeira, e por ella desembarcámos para outra ponte fixa, no meio da qual démos de rosto com o serenissimo cardeal D. Henrique que nos esperava com muitos cavalleiros.

Deram princípio á entrada muitos cavalleiros portuguezes, caminhando aos dois, aos tres e aos quatro, e misturados com elles os familiares do legado, a cuja esquerda ia o cardeal infante. Tendo andado vinte passos vieram cumprimenta-lo todos os magistrados e officiaes publicos de Lisboa, que seriam noventa, uns vestidos de vestiduras compridas até o chão, outros de saios até o joelho feitos de diversas fazendas, com as varas nas mãos, e trazendo muitos alabardeiros e creados apoz si, uns mais, outros menos, segundo as suas graduações. Veio então, encontrar-se com o legado, D. Sebastião, rei de Portugal, mancebo de 28 annos, de boa côr e muito parecido com D. Joanna, princeza de Portugal, sua mãe, e irmã d'elrei catholico. É de estatura mediocre, de olhar e sobreceño algum tan-

(*) *A borigo?*

to carregado e altivo. Trazia uma capa de panno preto, e o capuz com botões de diamantes, rubins e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes e as faldas até o joelho, calças vermelhas com poucos tufos e quasi lizas, barrete chato de velludo, carregado para a testa quasi até o sobrolho, e adornado com um cordão d'ouro, diamantes e perolas: trazia botas largas nas pernas, de cordovão preto, que lhe subiam até os joelhos. A espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo de velludo preto recamada de ouro e perolas: na cabeça trazia o cavallo pendentes de pedras preciosas e ouro. Adiante d'elrei dois escravos pretos conduziam dois ginetes, um claro, outro baio-claro com xaireis de brocado d'ouro e jaezes d'ouro. Ao redor vinham cincoenta alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelo joelho, e botas de cordovão preto largas. Seguiam-se o infante D. Duarte e muitos outros cavalleiros, que seriam mil, quasi todos montados em formosos ginetes bem arreitados, fazendo aquelle todo maravilhosa vista, principalmente os cavalleiros, que eram de bella presença e ricamente vestidos. Elrei parou á direita do legado, e descobrindo a cabeça ao mesmo tempo que este, fez uma leve inclinação, tornando immediatamente a pôr o barrete. Feitos os cumprimentos, e correspondida a cortezia que fizera, caminhou ao lado do legado, e sempre á direita, seguindo-se depois o cardeal infante e D. Duarte, e depois D. Constantino, D. Francisco e D. Henrique: apoz estes o duque d'Aveiro e seu irmão D. Pedro, aos quaes se seguiam os marquezes, condes e outros fidalgos titulares, e depois os magistrados da cidade com os seus alabardeiros e os cavalleiros das quatro ordens militares, alem de outras pessoas distinctas, cada qual segundo a sua graduação. Caminhámos obra de uma boa milha por bellas ruas, direitas e largas [principalmente a que chamam *rua nova*, a qual é bellissima e povoada de nobres edificios] até que chegámos ao paço real, situado no sitio mais alto da cidade, que d'alli se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba com o braço de mar que a cerca, cheio de grande multidão de navios. Por todas estas ruas era tão basto o povo, que se calculou haver ahi mais de 150:000 pessoas. Estavam as ditas ruas adornadas todas de finos pannos de Flandres e d'outras qualidades, não havendo columna ou parede que delles não estivesse cuberta. Dobrado era o adorno das janellas, porque não só estavam a ellas damas tão louçaãs, que não sei a que compara-las, mas tambem estavam colgadas de riquissimos tapetes e colchas, o que era tanto mais esplendido, quanto as casas teem muitas janellas e muito juntas, e cada morada tres ou quatro andares, que se alugam facilmente pela grande frequencia d' estrangeiros. Era por este motivo que d'um e d'outro lado se não via vão do tamanho d'um dedo que não estivesse cuberto de tapetes e pannos, divididos por quadros de figuras em vulto, ou bordadas, de vistosa apparencia. Quando chegámos á igreja de Santa Maria [sé] perto dos paços reaes, elrei, fazendo leve menção de descobrir a cabeça, partiu para os ditos paços acompanhado de cincoenta tochas, e o legado entrou na igreja. — *A. Herculano.*

[Continuar-se-ha].

UMA CARTA DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE.
QUANDO este insigne capitão, tão celebre por ani-

mo esforçado, como por vastas concepções e dexteridade politica, tendo seguro o importante golpho e a praça d'Ormuz, partia para Gôa quebrantado pela doença a dispôr e prevenir as cousas do nosso imperio no Oriente que elle fundára, teve como é sabido o desgosto de receber na viagem a noticia de que era substituido por Lopo Soares, prevalecendo mais na côrte os enredos e invejas dos cortezãos que a fama e o proveito resultante para o reino das victorias que obtivera. Neste lance, sentindo proximo o termo da vida, e dorido da ingratição, dictou uma carta para elrei D. Manuel, que tendo a devida celebridade, como de tão illustre varão e por tal facto, anda comtudo bastante adulterada, assim nas edições dos Commentarios de sua vida, como na chronica por Damião de Goes, e em outras muitas partes. Por isso damos aqui este documento trasladado de uma copia authentica, que possui o Sr. J. M. da Fonseca, conforme ao original, depositado na torre do Tombo, ou Real Archivo, na gaveta 15 maço 17, n.º 33.—

— « Senhor — eu nam esprevo a vosalteza por minha mão por que quando esta faço tenho muito grande saluço que he sinal de morrer eu senhor deixo qua ese filho por minha memoria a que deixo toda minha fazemda que he asaz de pouca mas deixolhe a obrigaçam de todos meus servisos que he mui grande as cousas da india ellas falaram por mim e por elle, deixo a India com as principaes cabeças tomadas em vosso poder sem nela ficar outra pendenza senam cerrarsee mui bem a porta do estreito. Isto he o que me vosa alteza encomendou, eu Senhor vos dey sempre por conselho perã segurar de la India irdevos tirando de despezas peço a vosalteza por mercee que se lenbre de tudo isto e que me faça meu filho grande e lhe de toda satisfaçam de meu serviço todas minhas confianças pus nas mãos de vosalteza e da Senhora Rainha a elles memcomendo que façam minhas cousas grandes pois acabo em cousas de vosso servisso e por ellas vollo tenho merecido e as minhas temças as quaes comprey pela maior parte como vosalteza sabe, beijarlhey as maos pollas em meu filho esprita no mar a seis dias de dezembro de mil quinhentos e quinze—seytura e servydor de vosa alteza—afomso dalboquerque — A elrei noso Senhor — Dafomso dalboquerque. = (*)

BIOGRAPHIA.

Bento de Moura Portugal.

1.º

SE o mais bello espectaculo que se póde offerecer ao mundo intellectual é, na opinião d'um dos maiores genios da antiguidade, o do *homem virtuoso lutando a braços com a adversidade*, temos sem duvida na historia honrada e triste do illustre portuguez acima nomeado essa tão brilhante quanto deploravel e vergonhosa scena. Honra e louvor seja ao patriota zeloso que primeiro deu á luz os escriptos, poucos e mutilados, que escaparam á fatalidade da mesquinha sorte de seu auctor; e que á força de trabalho e de exame perseverante nos transmittiu

(*) Copiámos escrupulosamente com a mesma orthographia do traslado authentico que temos á vista, porque julgámos que não devemos tirar a tão importante documento uma só feição caracteristica; o que não costumámos praticar com os extractos d'obras impressas.

preciosas noticias da origem e estudos deste sabio portuguez e da correspondencia que teve com os sabios do seu tempo nacionaes e estrangeiros. As que porem nos pareceram de mór valia, as que nos mostram em toda a sua luz a formosura de seu nobre character são as proprias cartas do auctor em que elle se retrata fielmente. Daremos d'umas e outras algumas passagens, que estamos certos hão de merecer aos leitores aquelle interesse generoso que produz o *merito infeliz*.

Nasceu Bento de Moura Portugal na freguezia de Moimenta da Serra, aldêa situada distante meia legua de Gouvêa, e foi ahi baptisado aos 24 de março, tendo nascido em 21 do dito mez do anno de 1702; filho de Manuel de Moura Castanheira, natural de Lima; havia herdado, posto que por bastardia, sangue nobre, descendente do primeiro Marquez de Castello-Rodrigo, Christovão de Moura Portugal, famigerado na historia e desventuras deste reino sujeito a Castella. Ignoram-se inteiramente os primeiros annos de sua mocidade e os estudos preparatorios que necessariamente apprendeu: supõe-se os fizera com os padres da Companhia daquella villa de Gouvêa; com os quaes preparatorios se matriculou no 1.º anno do curso juridico da universidade em Coimbra no 1.º d'outubro de 1720. Parece que alguma interrupção houvera na sua carreira juridica, porque somente fez acto de formatura em 11 de maio de 1731. Mas as suas inclinações e propensão naturaes levavam-o poderosamente ás sciencias exactas, principalmente ao calculo; e dando de mão ás pandetas, entregou-se com todo o fervor de seu espirito ás mathematicas, e applicou-as aos inventos uteis, á mechanica e á hydraulica.

Não sabemos porque escalla feliz chegou Bento de Moura a fazer-se conhecer e apreciar do governo, pois que já em 1741 foi mandado viajar aos paizes estrangeiros, e particularmente na Hungria, com commissão de examinar os arsenaes que alli entretinha o imperador. Seja mais este um exemplo do progresso litterario e artistico que dera em Portugal um dos soberanos mais injustamente avaliados por escriptores levianos, fallámos do magnifico e generoso rei D. João 5.º, o fundador da academia da historia, o protector dos litteratos. D'uma passagem dos escriptos de Bento de Moura podemos concluir que mesmo no reino, antes de partir para outros paizes, fizera ensaios de suas concepções, e era já por elles e por seus estudos conhecido e empregado em emprezas particulares: elle mesmo nos diz n'um dos seus relatorios, de que logo fallaremos, ter inventado em 1741 no paul de Foja, no campo de Coimbra, uma rodinha para dessecar o dito paul.

Voltou Bento de Moura ao reino com o fructo de suas viagens, nas quaes empregou oito annos, e entrou logo de mostrar o para que serviam seus estudos, seus talentos e experiencia n'um dos ramos das mathematicas menos conhecidos em Portugal, sendo successivamente occupado na abertura dos paues de Villa-Nova de Magos, do Juncal e Tre-soito, de que resultaram grandes utilidades á agricultura do Riba-Tejo. Porem o benemerito portuguez escrevendo em maio de 1765 da dura prisão do carcere da Junqueira ao conde de S. Lourenço, seu companheiro d'infortunios, fez a resenha dos seus serviços e inventos que transcreveremos em summario. Nada pedia para si o brioso e nobre prisioneiro, mas sentindo-se desfalecer e approximar-se o termo da vida lembrou-se de recommendar um so-

brinho que deixava chamado José Caetano de Moura, e para este é que pedia remuneração de seus serviços que ahí enumerava. Eis a ordem por que estão descriptos. — 1.º a descoberta d'um artefacto por modo de navio para conduzir madeiras do pinhal real de Leiria, e talvez mesmo do Pará e Maranhão, com o que produziria a utilidade de 500\$ cruzados annuaes.

2.º descoberta: modo de provar que nas terras alagadiças, que correm ao longo dos rios, ha ouro.

3.º O modo de embaraçar com um dique engenhoso na serra de Villa-Velha a corrente do Tejo nas suas chéas, de sorte que continue sua corrente para o mar sem alagar e prejudicar os campos, do que resultaria não faltar pão em Lisboa: [era naquella tempo muito menor a cultura].

4.º O mesmo invento para o Mondego com ainda maior utilidade do campo e da salubridade de Coimbra.

5.º A applicação de remos aos navios de porte na occasião de calmarias, fazendo-os navegar meia legua por hora.

6.º A roda hydraulica inventada em 1741 no paul de Foja para enxugar as terras alagadas que, diz o A., tem dado já ao reino utilidade de milhões de cruzados.

7.º A novidade da barca de Sacavem, cuja fórma se usava já nos paizes estrangeiros, mas era desconhecida em Portugal.

8.º A reforma da lei para a capitação dos quintos [entendemos ser trabalho e calculo estatístico para resenha e regular cobrança desse ramo de fazenda publica], com cuja reforma, escreve o A., recuperou a elrei e ao povo muitos centos de mil cruzados.

9.º Os paues dessecados e afrutados «*de que sabem as mesmas pessoas reaes [dizia o A.] com tão pouco custo e despeza, que o não podia crer o povo senão quando os viu dar fructo.*

10.º «O modo d'aproveitar [deixemos fallar o mesmo A.] os demais de que tenho noticia desde «Alcaçar até ao Mondego inclusivamente; trabalho «que compuz neste carcere e trasladou o P.º João «de Mattos.

«Alem destas utilidades, e outras menores em «que não fallo, julgo attendivel a addição que fiz «nos coches da casa real para evitar as quedas quando quebrassem as rodas ou os eixos: — as camas «de campanha que inventei no anno em que fui á «Golegaã com os marquezes de Marialva e Angeja, «e conde d'Obidos: — o carro que inventei, o qual «por força do vento o procura directamente em ru- «mo contrario; este carro viram V. Ex.ª, os mar- «quezes d'Abrantes, e os senhores da casa de La- «fões: — O cordão pelo qual apeava qualquer sege «da bolea ficando as duas bestas soltas com a mes- «ma acção, o que era muito conveniente em jorna- «da e na campanha: — a reforma feita no mecha- «nismo das azenhas, de modo que moendo onze al- «queires por dia ficassem moendo 50: — o que es- «crevi sobre augmentar muito a velocidade, e al- «guma cousa a segurança dos barcos de riba-Tejo: «— o que escrevi sobre os lemes das embarcações.

«Afora isto tambem julgo ser attendivel algum «credito que resulta á nação portugueza do movi- «mento da machina simples de fogo que inventei «em Inglaterra, como se póde vêr nas *Transacções* «da *Academia Real das Sciencias de Londres*, como «tambem a reforma da *machina pneumatica* que in- «ventei em Alemanha e hoje se pratica.»

Com effeito havia Bento de Moura tornado seu nome illustre dentro e fóra do reino onde tinha praticado os sabios e admirado as academias, onde apresentára seus inventos e aperfeiçoamentos na physica e na mechanica, a ponto d'escrever delle Hermano Osterrieder, sabio alemão, dizendo que «*depois do grande Newton em Inglaterra só Bento de Moura em Portugal.*» Os Inglezes, por occasião d'outro invento que perante elles demonstrou, parece que não ficaram atraz na manifestação dos encomios feitos ao seu merecimento, pois que o mesmo inventor escrevendo do forte da Junqueira ao conde de S. Lourenço lhe dizia: — Mas se Deus assim o quer, permittindo que eu descobrisse uma cousa de tanta importancia, heide ser indigno dos seus favores? E já que se verifica o que os inglezes me profetisaram quando viram o movimento da machina simples, &c. — Com que claramente se está indicando um daquelles vaticinios de ingratição e desconhecimento que muitas vezes acompanha a fortuna dos homens distinctos.

Neste reino tinha elle merecido a confiança d'elrei D. João 5.º, incumbindo-o de varias e importantes commissões, nomeando-o superintendente da Foz d'Alge, e confiando-lhe a somma de cinco mil cruzados, que recebera da mão de José Lavache em Thomar, por ordem do secretario d'estado, para concertos da dita fabrica, alem de outras quantias de que elle deu miuda e escrupulosa conta a elrei D. José nos apontamentos que deixou quando falleceu, no fim dos quaes declara a elrei que de todo o tempo da sua administração em tantas e tão differentes commissões sómente se estava devendo um milheiro de telha em Villa-Velha no valor de 4\$ réis!

Vinte e cinco annos eram passados de serviços, d'applicação desvelada ao bem commum, de descobertas e de trabalhos utilissimos, de grande zelo e escrupulosidade na gerencia da fazenda publica, quando no anno de 1760 foi Bento de Moura arrebatado ao carcere n.º 7 da Junqueira, onde teve a triste sorte de tantos outros que dahi sahiram somente para a sepultura. Jámais se declararam os capitulos de suas culpas, e ahí soffreu quasi sempre com christã e heroica paciencia o tormento multiplice de sua penivel situação por espaço de 16 annos, pois faleceu aos 27 de janeiro de 1776. O editor de seus escriptos nos deu todavia a causa ou sem-rasão deste tratamento copiando um artigo da *Historia manuscripta do que passaram os presos chamados d'estado no forte da Junqueira, escripto pelo marquez d'Alorna*. Neste artigo, depois de fallar de dois padres cruzios, igualmente prezos alli, continúa: — «Bento de Moura já lá estava quando vieram estes padres, e nas perguntas confessou logo que tinha fallado da innocencia dos Tavoras e dos padres da Companhia; accrescentando que era lá por fóra a opinião de todas as pessoas de bem: Sebastião José de Carvalho entrou com isto em furor: foi posto na peor das casas escuras, e lhe deram um companheiro que depois mandaram degradado para Mazagão. Com a ida deste homem tornou Bento de Moura a ficar só; até então passava como insensível a estes trabalhos dizendo que se achava muito bem com esta casta de vida, na qual pelo silencio se lhe tinha avivado a idéa para descobrir muitas cousas que em outra situação lhe seriam sempre occultas; e que alem disso lá fóra andava sempre com medo que o prendessem, e aqui estava livre desse susto: mas apesar destas apparencias

d'animo sobrevieram-lhe cogitações e molestias que lhe accrescentaram a tristeza. N'uma destas occasiões o veio vêr o cirurgião Manuel Ferreira, que o tratou por você; a este insulto respondeu com muita moderação o preso allegando foro de fidalgo e o seu habito de Christo, cousa que mereceu metterem-no a bulha os guardas por muitos dias continuos com grande insolencia.» —

Parece que as molestias e a solidão alteraram por algum tempo as faculdades intellectuaes de Bento de Moura, porque para lhe assistir como a homem alienado lhe deram por companheiro o padre jesuita, João de Mattos, tambem preso nos mesmos carceres. Foi este o anjo consolador que a Providencia enviou a alentar e confortar o miserando preso quando entregue aos horrores da sua situação, e para o ajudar e auxiliar nos seus derradeiros cuidados e disposições. Bento de Moura quiz deixar um testemunho destes serviços, e da sua gratidão na carta 2.^a que pouco tempo antes de fallecer escreveu ao conde de S. Lourenço, na qual dizia; — «O meu companheiro, P.^o João de Mattos, pelo muito trabalho que tem tido em assistir ás minhas quasi contínuas molestias com grande cuidado e caridade, como tambem em escrever, copiar e pôr em limpo o que Deus foi servido me occorresse nesta prisão, a meu vêr de grande utilidade para este reino, o que tudo, abaixo de Deus, a elle se deve em grande parte &c.; faz-se muito digno que S. M. o remunere.» — Desafogos d'uma alma nobre e reconhecida, que, no meio de sua longa agonia, melhor nos pintam a bella indole de seu auctor do que o poderiam fazer longas paginas de sua historia, aliás honrada e brilhante!

E na verdade que é muito raro encontrar no catalogo triste das miserias humanas um character de homem que tão superior e sobranceiro se mostrasse ás injustiças da sorte! O amor do bem publico, os creditos da sua patria, e o esplendor daquelle mesmo governo que tão desapiedada e tyrannicamente o opprimia fizeram todo o engenhoso artificio de suas vinganças. O que nas almas vulgares tira a energia da vida e attenúa o espirito, remontava em Bento de Moura os quilates do seu zêlo e avivava-lhe os estímulos d'occupações uteis, de trabalhos sublimes, que sahiram d'entre os ferros e escuridão do carcere: nós não sabemos que a nenhum outro coubesse melhor o = *justum et tenacem propositi virum!* =

[Concluir-se-há].

ECONOMIA DOMESTICA.

Emprego da palha chamada camisa do milho, e de outras substancias para encher enxergões e travesseiros.

Em França o milho é pouco cultivado: o solo ahi, e a falta d'aguas de rega torna essa cultura pouco propria. Apesar disto tanto o governo, como as sociedades agricolas tem proposto premios áquelles que melhor demonstrarem o partido util que possa tirar-se da cultura desta preciosa planta da familia *graminea*. Em Portugal é ella mui antiga: commumente se diz que só foi conhecida depois do descobrimento de Guiné; mas o auctor do Elucidario achou nos cartorios do Minho noticia de fóros impostos neste genero de grãos nos primeiros seculos da monarchia. Será esta planta indigena do paiz?

Seria ella introduzida nelle pelos arabes, e sarracenos vindos d'Africa onde ella é natural? Pouco importa sabe-lo; o que é certo e sem duvida é que generalisando-se rapidamente nas provincias do norte desde o tempo d'elrei D. João 2.^o tomou preferencia sobre os grãos que ahi se usavam, e reduziu o milho miudo ou milho alvo chamado o painço e o centeio a tão pequena quantidade que quasi se cultivam [particularmente os dois primeiros] pela necessidade de satisfazer fóros antigos impostos nestes generos. O milho com effeito é uma planta preciosa nas provincias do norte: ahi a natureza do terreno não soffre a cultura do trigo senão em mui raras localidades; o milho precisa é verdade terras de regadio, ou de sua natureza frescas, e exige um amanho multiplice, e por isso mesmo dispendioso: porem quantas sortes d'utilidade d'ahi resultam? A producção em grão é ordinariamente proveitosa: nas insuas e campo de Coimbra, nas veigas e campinas da Maia, nas margens do Ave, do Cávado, do Visella, do Lima, e do rio Minho é prodigiosa. Admitte a sociedade d'outras plantas como o feijão a que serve d'encosto com suas hasteas; nabos, batatas, couves, aboboras, grãos de bico e outros ahi vegetam, crescem e amadurecem ou simultaneamente ou esperando que o terreno se desafronte pela cegada do milho, assim como este mesmo espera a tirada do linho temporão quando nasceram ambos no mesmo berço. A monda repetida periodicamente, e as bandeiras e hasteas superiores dão excellente alimento ao gado vaccum: a palha sêcca, e conservada em mēdas expostas mesmo ao tempo compõe a principal riqueza do sustento dos gados durante o inverno; os residuos formam muito bom estrume; os caroços da espiga desbulhados são um combustivel excellente, e sem máu cheiro; as folhas ou envolutorio das espigas dá o mais commodo, o mais fresco, o mais economico e o mais salutar de todos os artigos proprios para encher enxergões: até o verde alegre desta planta é bonito e recréa a vista; e uma seara de milho verdejante formando como uma vasta e unida floresta contribue a tornar o ar sadio pela absorpção dos máus gazes, e derramamento do oxigenio.

De todas estas vantagens escolhemos a mais desprezada para aqui a recommendarmos como ella merece: na cidade do Porto, e n'algumas outras terras das provincias do norte estão já ha annos em voga os enxergões de palha, ou camisa do milho; porem isto é ainda excepção porque quasi em todo o reino os enchem de palha de centeio, cevada, ou de trigo com graves inconvenientes porque isso faz uma cama mais dura, a palha se quebra, e reduz a cisco e pocira á força de ser mexida, a ponto de ser necessario renovar-se de dois em dois annos, o que occasiona uma despeza e trabalho extraordinarios, e escusados. Pelo contrario os enxergões cheios da palha do milho são mais faceis de mexer, mais macios, mais elasticos, e duram 10 annos havendo a precaução de a tirar, estender, e arranjar depois novamente de tres em tres annos. A palha de milho admitte tambem a lavagem; e n'algumas casas mais perluxas costumam para refazer de novo os enxergões tirar a palha, mette-la dentro d'uma rede, ou cesto permeavel á agua, mergulha-la em corrente d'agua e depois retirando-a e seccando-a a introduzem nos enxergões tão fresca e flexivel como se fosse nova. Algumas pessoas põem pécha a este uso dizendo que não podem suportar o rangido da palha ao deitar-se; porem isso é futil por-

que passados os primeiros dias desaparece essa repugnancia, como confessam todos os que tem adoptado este uso. Adoptado este, e sendo geralmente espalhado como convem, aberto estava este novo artigo de commercio, e industria agricola, porque os lavradores de milho aproveitariam melhor a palha que aliás desperdiçam, lançando-a para cama de gados e outros animaes, e fazendo com ella parte de suas estrumeiras, o que utiliza menos.

Com effeito mui descuidados e negligentes somos em desprezar muitos dos productos que nos offerece nosso solo feliz! Levados d'uma prática cega, e indifferentes a todo melhoramento filho da reflexão, abandonámos muitos objectos d'industria que temos á mão. Assim que, e sem sahir fóra deste artigo, lançam-se fóra as pennas miudas das aves que fariam excellentes travesseiros e colções, e o musgo comprido das arvores que sem custo podia ser aproveitado para o mesmo destino depois de sacudido, e escolhido, como fazem na França, Suissa, e Alemanha.

DA HYGIENE NO CAMPO.

A NATUREZA dos trabalhos dos homens rusticos, e a falta de cuidado na sua primeira educação produz habitos, inteiramente oppostos á limpeza do corpo, um dos objectos que para a saude mais concorrem. Lêmos n'um jornal dedicado ao melhoramento das classes industriosas um sensato artigo, que por sua applicação a nossas aldêas e povoações do campo póde produzir algum bom resultado.

O jornalista se queixa amargamente da extrema sordidez e apathia, que reina nas habitações dos camponeses em França, onde o habito de certos costumes detestaveis perpetua a immundicie, e a insalubridade das casas, e mesmo das ruas e logares publicos. — Percorrei as aldêas, e logares dispersos do campo, diz o auctor, principalmente os mais afastados das grandes cidades, e das estradas reaes, e vereis quanto temos a rebaixar do orgulho nacional que nos colloca á testa das nações civilisadas. As ruas, os largos, e o mesmo pateo das casas está juncado d'estrumeiras, d'immundicies de todo o genero, que exhalam no estio as mais prejudiciaes emanações, e que nos tempos chuvosos tornam invadiaveis as communições entre os habitantes. Casas mal expostas, pessimamente edificadas, mal arejadas, e quasi inaccessiveis á luz, onde o calor do sol nunca entrára para destruir a humidade concentrada, e depositada nas paredes. — Muitas vezes uma só camera, ou antes uma só espelunca serve d'alojamento a toda a familia com repugnante indecencia; quando não é habitada de mistura com os proprios animaes! — Então uma atmosphera empestada, e ainda por cima atormentadora, de fumo de máu cheiro, espalha em torno miasmas mortiferos que dizimam todos os annos a povoação rural. O camponez parece herdar o enxovalho de seus pais, assim como herda seus campos, sem nada alterar. Incredulo por ignorancia, e desconfiado por instincto, está sempre em guarda contra as innovações contrarias a suas idéas. E isto não é resultado da miseria, porque os ricos do logar dão muitas vezes o exemplo destes absurdos. É á cultura moral e religiosa que pertence principalmente extirpar, ou ao menos diminuir este mal. Quando da cadeira parochial, dos bancos da escola primaria, das posturas e conselhos das autoridades municipaes, sabirem vozes e documentos

energicos, então estes ajudados com o exemplo poderão ir chamando os camponeses áquella posição doce e feliz que torna sua condição preferivel á dos habitantes das villas e cidades. —

A pintura que fica traçada quadra desgraçadamente em a maior parte aos costumes de nossas provincias: e se exceptuarmos uma parte da d'Entre-Douro e Minho, e de toda a do Alemtejo, esta póde servir de modello ás demais na limpeza, accio, e melhor distribuição dos commodos domesticos. Em todas ellas porem ha muito que emmendar; e é aos parochos, aos mestres, e por dever rigoroso aos magistrados, que toca removerem abusos, tão nocivos á saude publica, quanto ignominiosos para o povo que os pratica.

A modestia é muitas vezes o melhor caminho para a gloria. — No tempo da prosperidade e gloria da Grecia, pescadores da ilha de Cós tiraram do mar n'um lanço de rede uma tripode de ouro; havendo antecedentemente vendido o lanço a mercadores de Mileto, grande contenda se levantou entre os povos das duas ilhas tomando parte na questão, para saber-se a quem devia pertencer o rico achado. Estando em termos de virem ás mãos, concordaram em consultar a Pythia, a qual respondeu: = pertence ao mais sabio =. Segundo a sentença do oraculo começaram por levar a tripode a Thales, que a recusou, e enviou a Bias; este disse, lhe não tocava, e a mandou a outro: e assim foi correndo todos os sete sabios, sempre engeitada e recusada até o ultimo, reputando-se cada um inferior ao outro. Em taes circumstancias os contendores assentaram leva-la a Thebas e consagra-la ao templo d'Apollo.

Quando de todas as partes do mundo ahi concorriam devotos a prestar suas adorações ao deus da sciencia, vendo a tripode d'ouro alli depositada, dizia-se-lhes logo: = está aqui por haver sido regeitada por cada um dos sete sabios. =

Uma determinação de Cromwell. — Este entusiasta puritano, ou para melhor dizer refinado hypocrita, mandou fechar os theatros em Inglaterra, como *assembléas immoraes e contrarias á puridade do Christianismo*; tendo porem declarado guerra á Hespanha, ordenou que todos os dias fosse á scena, no unico theatro que havia em Londres, a tragedia intitulada, *a crueldade dos hespanhoes no Perú*, drama disparatado no contexto, e grosseiro no dialogo, e em que eram representados os conquistadores atormentando e queimando vivos os indios sem distincção de sexo ou idade. Foi a mente do usurpador do throno inglez fazer odioso o nome hespanhol, persuadindo-se que por isso o ajudaria a nação a continuar a guerra. Dest'arte obrava o que se dizia inspirado pelo *espírito do Senhor*.

O LEGISLADOR que se recreia com a execução das penas é fero, e parece que faz sua a vingança das leis... o compadecer-se dos condemnados é proprio de animo justo, como castiga-os com gosto é signal de animo rigoroso, se não tem outro peor nome. — *Fr. Amador Arraes.*

Não censureis os homens faceis ou fracos nas cousas indifferentes, ou nas pequenas da vida, se estes reservam toda a sua firmeza para as grandes occasiões.